

POR QUE SANTO AGOSTINHO NÃO É MEDIEVAL?

WHY IS SAINT AUGUSTINE NOT MEDIEVAL?

¿POR QUÉ SAN AGUSTÍN NO ES MEDIEVAL?

Francisco Eduardo de Oliveira¹

RESUMO

Esse artigo busca responder à pergunta: “por que Santo Agostinho não é Medieval?” A resposta dada apresenta três motivos pelos quais esse filósofo cristão não pode ser considerado um pensador desse período. Mesmo que, na maioria das vezes, essa concepção seja a mais aceita acadêmica e popularmente. Nossa sugestão encontra-se em três razões, que denominamos aqui nesse artigo de Razão Histórica, Razão Estilística e Razão Temática. Essas três razões apresentam uma justificativa coerente para não mais declararmos que nosso pensador pertence ao período Medieval. Ainda no corpo do texto, exploramos algumas hipóteses pelas quais esse equívoco é cometido a partir da análise de alguns materiais acadêmicos e livros didáticos utilizados na rede pública e privada do Ensino Médio no Brasil e nos bancos das universidades. No final do texto, sugerimos algumas formas pelas quais não devemos apresentar o pensador como pertencente a um período distinto do seu, bem como algumas formas de apresentá-lo adequadamente.

Palavras-chave: Santo Agostinho; Medieval; histórica; literária e temática

ABSTRACT

This article seeks to answer the question: "why is Saint Augustine not Medieval?" The answer gives three reasons why this Christian philosopher cannot be considered a thinker of this period. Even if most of the time, this conception is the most accepted academically and popularly. Our suggestion is found in three reasons, which we call here in this article Historical Reason, Stylistic Reason and Thematic Reason. These three reasons present a coherent justification for no longer declaring that our thinker belongs to the medieval period. Still in the body of the text, we explore some hypotheses by which this mistake is committed from the analysis of some academic materials and textbooks used in public and private high school in Brazil and in the banks of universities. At the end of the text, we suggest some ways in which we should not present the thinker as belonging to a period distinct from his, as well as some ways to present it properly.

Keywords: Saint Augustine; Medieval; historical; literary and thematic.

RESUMEN

¹ Bacharel em Teologia Livre (STP 2010), Licenciatura em Filosofia (UFRN 2014), Mestre em Filosofia (UFRN 2016) e Doutor em Filosofia (UFRN 2022). Professor de Filosofia no Rio Grande do Norte (Temporário) e na Rede Privada de Ensino. <https://orcid.org/0009-0002-6712-000X> <https://lattes.cnpq.br/5807174867346073> E-mail para contato prof.franciscoeduardo@gmail.com

Este artículo busca responder a la pregunta: "¿Por qué San Agustín no es medieval?" La respuesta dada presenta tres motivos por los cuales ese filósofo cristiano no puede ser considerado un pensador de ese período. Aunque la mayoría de las veces, esta concepción es la más aceptada académicamente y popularmente. Nuestra sugerencia se encuentra en tres razones, que denominamos aquí en este artículo de Razón Histórica, Razón Estilística y Razón Temática. Esas tres razones presentan una justificación coherente para no más declarar que nuestro pensador pertenece al período Medieval. Aún en el cuerpo del texto, exploramos algunas hipótesis por las cuales ese equivoco es cometido a partir del análisis de algunos materiales académicos y libros didácticos utilizados en la red pública y privada de la Enseñanza Media en Brasil y en los bancos de las universidades. Al final del texto, sugerimos algunas formas por las cuales no debemos presentar al pensador como perteneciente a un período distinto del suyo, así como algunas formas de presentarlo adecuadamente.

Palabras clave: San Agustín; Medieval; histórica; literaria y temática.

INTRODUÇÃO

Pensar a História da Filosofia a partir de períodos de tempo definidos não é tarefa fácil. Mapear historicamente uma forma de pensar, um estilo literário ou um determinado aspecto cultural é tentar, em certa medida, encontrar a alma ou a identidade de um povo. Esse é o desafio de todo aquele que se propõe a pensar na História das Ideias.

Sabe-se, de modo geral, que a divisão em períodos de tempo, é apenas um recurso didático, pois, as ideias ultrapassam seu próprio tempo reafirmando-se, reformando-se e adaptando-se ao seu contexto. A filosofia, enquanto uma “necessidade estrutural radicada na própria natureza do homem” (REALE, ANTISERI, 1990, p. 23), está condicionada ao tempo e à cultura a que esse homem pertence. Como filha da cidade (VERNANT, 2010, p. 143), o milagre grego (VERNANT, 2010, p. 111) “teve início em 28 de maio de 585 a.C., às 18h13” (CLARK, 2012, p. 13), quando um homem procurou de forma racional, entender a realidade sem o auxílio dos deuses ou interpretações míticas. Esse início refere-se ao que ficou conhecido como Filosofia Ocidental. Não mencionamos a Filosofia Oriental, justamente porque no Oriente “filosofia, mito e religião entrecruzam-se.” (ABRÃO, 2004, p. 10), por isso, a diferença na interpretação da realidade feita pela Filosofia Ocidental. Como iremos abordar um tema próprio da Filosofia Ocidental, é necessário, portanto, mencionar essa divisão filosófica e geográfica primeiramente. Portanto, quando falamos de História da Filosofia, está implícito nesse conceito e nesse artigo a filosofia desenvolvida no Ocidente.

De forma panorâmica e introdutória, a grande maioria dos historiadores divide a História da Filosofia, em quatro grandes períodos. São eles: Antiguidade, Idade Média,



Modernidade e Contemporaneidade. Essas divisões não abarcam, nem pretendem abarcar, todas as peculiaridades de cada período, nem consideram os períodos de transições entre essas grandes divisões. Pois, essas divisões cronológicas buscam apenas organizar a História das Ideias a fim de torná-las mais compreensíveis aos estudantes e ao público em geral.

Partindo desses pressupostos, o Período Antigo na História da Filosofia inicia-se por volta do Século VI ou VII a.C. (VERNANT, 2010, p. 43), estendendo-se até a queda de Roma, ocorrida em 476 d.C. (CLAUDIO MAZZARELLI *in* REALE, ANTISERI, 1990, p. 676). Quanto ao Período Medieval, sua datação é alvo de disputas. Alguns sugerem que a Idade Média nasce com as invasões de Roma, ocorridas por volta de 410 (ABRÃO, 2004, p. 103). Outros colocam seu início a partir do seu primeiro pensador, no caso Boécio (480 – 524), sendo considerado um dos fundadores da Idade Média. Ainda outros, colocam o início do Período Medieval no ano de 590, devido à ascensão do primeiro papa, Gregório I (CAIRNS, 1995, p. 132). Em se tratando do fim desse período, as controvérsias continuam, todavia, a data mais aceita é 1517, com a Reforma Protestante (Ibid, Id.). Essas divisões tentam, a partir de fatos históricos que alteraram a forma de pensar, as barreiras geográficas, a cultura, a religião etc., expressar uma alteração significativa na compreensão da realidade humana como um todo. Por isso, se não bem observadas essas alterações, confunde-se os conceitos, temas e formas de pensar, caindo assim em um mar turbulento de ideias e conceitos.

Esse artigo, pretende dar três razões pelas quais Santo Agostinho não pode ser considerado um pensador Medieval. Pois, se o considerarmos assim, suas questões, seu sistema filosófico e até mesmo sua teologia ficam desconexas e suas respostas perdem o sentido. Iniciaremos nossa investigação, analisando algumas das principais e mais conhecidas obras de História da Filosofia no Brasil, em nível acadêmico, e alguns materiais do Ensino Médio público e privado. Posterior a essa análise de materiais iremos apresentar as razões pelas quais não é recomendável afirmar que Santo Agostinho é um pensador Medieval.

ANALISANDO ALGUNS MATERIAIS

O Brasil não tem uma tradição de historiadores da filosofia. Desde sempre, no âmbito das universidades, o país segue uma tradição de comentadores. Por isso, a maior porta dos materiais de que dispomos no mercado editorial brasileiro vem de fora, com

algumas exceções. Para o propósito desse artigo iremos nos concentrar nos mais conhecidos.

OS MATERIAIS ACADÊMICOS

Entre os materiais usados nas universidades o livro *História da Filosofia* de Giovanni Reale e Dario Antiseri é o mais conhecido e utilizado. Em três volumes ou em sete, ele cobre toda a História da Filosofia de forma cronológica, didática e clara em sua abordagem e explicação. Em seu primeiro volume (*História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média – Volume 1*) ele coloca Santo Agostinho como pertencente ao Período Antigo da História da Filosofia (REALE, ANTISERI, 1990, p. 399 a 459).

Outro material sobre a História da Filosofia publicado no Brasil, está dentro da série *Os Pensadores*, intitulado *História da Filosofia*. Esse livro foi organizado pela Prof. Dra. Bernadette Siqueira Abrão. Em apenas um volume, ela apresenta a História da Filosofia de forma concisa, observando as principais questões e soluções apresentadas pelos pensadores em seus respectivos períodos de tempo e dentro de seus sistemas filosóficos. Nessa obra, Santo Agostinho também é colocado dentro da Antiguidade.

Publicado recentemente, a *História da Filosofia* de Júlian Marías é um excelente material. De forma magistral o autor apresenta a História da Filosofia em um único volume de forma panorâmica, todavia, com uma escrita clara, explicações precisas e reflexões pedagógicas. Nesse material temos também, a colocação de Santo Agostinho dentro da Antiguidade.

Portanto, em linhas gerais, podemos perceber que os materiais utilizados nas universidades, públicas ou privadas, estão em acordo quanto ao lugar que Santo Agostinho ocupa na História da Filosofia. Em outras palavras, eles o colocam como um pensador da Antiguidade. Mas essa realidade não se aplica nas salas de aula do Ensino Médio brasileiro. Vejamos alguns exemplos.

LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO

Entre os materiais mais utilizados nas salas de aula do Ensino Médio Brasileiro temos *Fundamentos de Filosofia* de Gilberto Cotrim e Mirna Fernandes. Esse livro didático é um bom material. Utilizado tanto nas redes públicas quanto nas redes privadas

de ensino. Ele faz uma abordagem cronológica e temática da História da Filosofia, dando ao professor a possibilidade de optar por uma abordagem em sala de aula mais histórica ou temática. Contudo, esse material coloca Santo Agostinho dentro do Período Medieval da História da Filosofia. Não seguindo assim, as obras utilizadas nas universidades brasileiras.

O *Filosofando: Introdução à Filosofia*, em nossa opinião, é de longe o melhor livro didático produzido no Brasil para o ensino de filosofia. As autoras conseguem ser claras na apresentação da filosofia, sempre relacionando de forma mais palatável os temas e questões da filosofia. O livro também segue uma organização temática e cronológica da História da Filosofia dando ao professor a opção entre ambas para sua abordagem em sala de aula. Apesar de ser um excelente material, ele comete o mesmo deslize do material citado acima, quando coloca Santo Agostinho dentro do Período Medieval.

Escolher Com Sabedoria: Filosofia, Ensino Médio, Livro 2 é o material utilizado nas redes Mackenzie de ensino. É um material muito bem impresso, com formatação especializada para alunos com dislexia e em algumas edições com adaptações gráficas para alunos com daltonismo. O livro é organizado a partir de temas filosóficos sendo tratados a partir de filmes, músicas e obras de arte clássicas e contemporâneas. A abordagem filosófica parte de uma cosmovisão cristã, que em nada prejudica a reflexão filosófica, muito pelo contrário, a enriquece mais ainda. No entanto, assim como as demais obras já mencionadas, esse material também coloca Santo Agostinho dentro do Período Medieval da História da Filosofia.

Em todos os materiais didáticos presentes na rede pública de ensino ou até mesmo os materiais utilizados na rede privada de ensino, o equívoco permanece em relação ao período em que Santo Agostinho é classificado. Vejamos em seguida, qual seria o problema com essa classificação.

QUAL É O PROBLEMA?

O primeiro problema que se evidencia quando colocamos um autor do Período Antigo dentro do Período Medieval é o realce da discrepância existente entre a produção e o ensino acadêmicos e o ensino médio. Não há umnexo de continuidade entre escola e academia. Esse fato apenas realça velhos problemas existentes nas universidades e nas escolas de Ensino médio em nosso país.

Em segundo lugar, acabamos perdendo de vista o horizonte das questões levantadas, abordadas, discutidas e respondidas dentro dos respectivos contextos históricos em que elas foram propostas, refletidas e analisadas pelo pensador. Dito de outra forma, a sensação é que o autor estava respondendo perguntas que nunca foram feitas por ele ou por qualquer outro em seu período. Dessa forma fica um vácuo de sentido, tornando o pensador, no caso em questão Santo Agostinho, extremamente irrelevante para a História das Ideias.

No livro didático *Filosofando: Introdução à Filosofia*, as autoras ao tratarem do Período Medieval chegam a afirmar que a Patrística ainda pertence a Antiguidade, e logo em seguida unem o Período Medieval a este justificando a influência da Igreja Católica como motivo para tal unidade (ARANHA, MARTINS, 2009, p. 160 e 161). Contudo, a Igreja Católica Apostólica Romana só veio a tonar-se proeminente entre os anos de 313 e 590 (CAIRNS, 1995, p. 127), principalmente por volta desse último ano devido à ascensão do poder do bispo romano sobre os demais. Ou seja, a unidade promovida pela Igreja Católica só ocorreu por volta do século VI e não antes, como propõem as autoras.

Nesse sentido, a proposta de unidade não se sustenta para colocar no mesmo período de tempo a Patrística e o Período medieval. Os demais livros didáticos também seguem a mesma lógica quanto à justificação de colocarem Santo Agostinho no Período Medieval. A partir do que consideramos, então, devemos passar a entender o porquê do Bispo de Hipona não poder pertencer ao Período Medieval.

AFINAL, POR QUE SANTO AGOSTINHO NÃO É MEDIEVAL?

São três as razões pelas quais não podemos considerar ou ensinar que Santo Agostinho é um pensador Medieval. São elas: a Razão Histórica, a Razão Estilística e a Razão Temática.

RAZÃO HISTÓRICA

O que chamamos de Razão História nesse artigo é a questão cronológica a que Santo Agostinho pertence. Aurélio Agostinho ou Santo Agostinho como é mais conhecido, nasceu em 354 na cidade de Tagaste (atualmente Souk Ahras, na Argélia). Ele faleceu no ano de 430. A partir dessas datas, o Filósofo Africano encontra-se

cronologicamente no Período Antigo e não no Período Medieval, como os livros didáticos o colocam.

Alguns pontos devem ser mencionados para confirmar essa afirmação. Em 410, Alarico, o Calvo, entra em Roma (BROWN, 2011, p. 352). Na primavera de 430, Santo Agostinho vê os vândalos invadirem seu país e cidade (Ibid., p. 352). Em 476 Roma cai e com ela o Mundo Antigo. Dentro da História da Filosofia, o Período Antigo termina quando o imperador Justiniano manda fechar as escolas pagãs em 529, pondo um ponto final ao mundo Antigo (REALE, ANTISERI, 1990, p. 25). Há ainda outros historiadores, principalmente relacionados à História da Igreja que colocam o fim do Período Antigo junto à queda de Roma (476) e o início do Período Medieval com a ascensão do primeiro papa, Gregório I em 590 (CAIRNS, 1995, 132). Dessa forma, seja por uma interpretação tardia ou mais recente, Santo Agostinho não pode e não deveria ser considerado um pensador Medieval, justamente porque ele não viveu nesse período. Seria um erro cronológico colocá-lo nesse período. O que é possível e recomendável a se fazer é colocá-lo como um pensador do Baixo Império Romano, ou seja, por volta do século IV. Contudo, outros pensadores da história da filosofia preferem utilizar outra nomenclatura de classificação desse período. Eles o chamam de “*Antiguidade Tardia*” (PERINI-SANTOS, 2015, p. 218). Seja qual for o caso ou o nome que se queira dar ao período em que Santo Agostinho viveu e pensou, a razão cronológica não muda. A história é um fato. Ele não viveu no mundo Medieval. É obvio que suas ideias ultrapassaram seus dias. É claramente perceptível, por exemplo, sua influência no período posterior a ele, ou seja, o Medieval, bem como na Modernidade, especialmente na Reforma Protestante e Contemporaneamente. Mas isso não pode ser motivo para colocá-lo no Período Medieval.

Portanto, segundo a Razão Histórica é indevido e cronologicamente equivocado colocar Santo Agostinho como pertencente ao Período Medieval. Pois suas questões, reflexões e respostas não estão presentes nesse período, pelo simples fato dele não pertencer temporalmente a ele.

RAZÃO ESTILÍSTICA

Chamamos nesse artigo Razão Estilística a forma e as características singulares com que o autor escreve seus livros, cartas e sermões. Nesse sentido, a segunda razão pela qual Santo Agostinho não é um Medieval encontra-se no seu estilo de escrita. É



bem verdade que Agostinho desenvolveu peculiaridades no seu estilo de escrita. Outro ponto, é que boa parte de seus escritos foram direcionados para o público cristão, já que ele era um bispo responsável por uma congregação. Isso nos mostra que sua teologia tem uma abordagem filosófica. Não sendo possível haver separação. Tomando esses pressupostos como ponto de partida, agora podemos analisar seu estilo de escrita, o que chamamos nesse artigo de Razão Estilística, para justificar o não pertencimento do autor ao Período Medieval.

Santo Agostinho nunca seria conhecido por ser um autor sistemático (BROWN, 2011, p. 148), mas seria conhecido como “o único filósofo latino da Antiguidade a virtualmente ignorar o grego.” (Ibid., 2011, p. 42). Todavia, como diz um antigo adágio francês: *O estilo é o homem*, então, Agostinho é seu estilo de escrita filosófica. Ele reflete a forma dos diálogos presentes em autores da Antiguidade como Platão e Aristóteles, mas também desenvolve um estilo muito à frente do seu tempo quando escreve uma autobiografia aos 43 anos de idade. Estamos falando das *Confissões* (Ibid., 2011, p. 206). Seus sermões, cartas e livros estão repletos de estilo e forma dos grandes oradores do mundo antigo. Afinal, foi para isso que ele inicialmente havia se preparado. Por isso, suas obras refletem sua capacidade singular em discursar.

Em se tratando de erudição da Antiguidade, nosso Bispo de Hipona não fica aquém de ninguém. Mesmo que seus textos fossem, majoritariamente, escritos para seu público cristão, sua mais importante obra, *A Cidade de Deus*, pode ser considerada sua única obra erudita, onde o Bispo de Hipona revela sua mente acurada, seus argumentos objetivos e uma cultura hercúlia. Dirá Peter Brown: “A Cidade de Deus é um monumento à cultura literária do baixo Império Romano, ... essa obra desloca, ..., do mundo clássico para o mundo Cristão.” (Ibid., 2011, p. 377 e 379).

Em sua obra mais erudita, Santo Agostinho transita entre o mundo Antigo e o mundo Cristão da Patrística, mas não para o mundo Medieval. Pois em linhas gerais, os Medievais escreviam com um estilo enciclopédico, de forma didática (perguntas e respostas) e via de regra, com raras exceções, em estilo apologético. Esses estilos aparecem apenas de forma tangencial em Santo Agostinho, mas de forma distintiva nos escritos medievais. Por exemplo, Anselmo de Cantuária (1033 – 1107) nas obras *Monólogo* e no *Porslógio* apresenta um estilo de escrita fundamentado na pressuposição de perguntas e respostas, dissertando sobre um tema proposto como se fosse uma aula. Pedro Abelardo (1079 – 1142) mesmo em sua *Lógica Para Principiantes* ou *A História Das Minhas Calamidades* segue os mesmos passos de

Anselmo em sua abordagem aos temas. Contudo, afim de demonstrar o estilo medieval de escrita e pensamento deve-se olhar para o maior pesador desse período, no caso, Tomás de Aquino (1225 – 1274). Tomás de Aquino estabelece não apenas a filosofia predominante do período, mas também o estilo a ser adotado a partir dele até praticamente o final do Período Medieval. Seja na sua principal obra *Sema Teológica* ou na *Suma Contra os Gentios* o estilo é o mesmo, por isso, iremos citar apenas a questão 2 da *Suma Teológica* para exemplificar nosso ponto. Ele diz:

Questões 2: A Existência de Deus em três artigos. O objetivo principal da doutrina sagrada está em transmitir o conhecimento de Deus não apenas quanto ao que ele é em si mesmo, mas também enquanto é o princípio e o fim das coisas, especialmente da criatura racional, conforme ficou demonstrado. No intento de expor esta doutrina, havemos de tratar: 1 . de Deus; 2. do movimento da criatura racional para Deus; 3. Do Cristo, que, enquanto homem, é para nós o caminho que leva a Deus. (TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*, Questão 2, p.161)

Apenas com esses exemplos de autores mencionados, sem citar de forma exaustiva os demais pensadores desse período, fica clara a diferença de estilo e proposta de escrita de Santo Agostinho dos pensadores medievais. Sem mencionar a falta de homogeneidade de estilo agostiniano revela o fato do próprio autor estar em um mundo cultural em transformação, em transição. A cultura da Antiguidade Clássica, Grega e Romana, o sonho de Alexandre, o grande, de fundar uma nação multicultural, só se tornou possível mediante a presença e a influência do pensamento e cultura Cristã (JAEGER, 2001, p. 59), não somente isso, mas essa virada cultural só se tornou possível mediante o desenvolvimento da *Paideia* Cristã, pois foi ela quem possibilitou essa reviravolta cultural (Ibid., 2001, p. 93). Agostinho está nesse caldo cultural. Seu estilo de escrita e discurso refletem o mundo da Antiguidade ou a Antiguidade Tardia, e o mundo cristão antigo, não o mundo medieval. Entretanto, seu estilo de escrita o coloca mais na antiguidade do que no mundo medieval. Por isso, não podemos cometer o equívoco de classificá-lo como um pensador medieval devido ao seu estilo de escrita que o difere terminantemente dos pensadores de períodos posteriores.

RAZÃO TEMÁTICA



Razão temática refere-se aqui aos temas que foram tratados pelo pensador em sua filosofia. A Razão temática, portanto, é a que mais sofre quando colocamos Santo Agostinho como um pensador medieval. Contudo, reconhecemos aqui que os temas levantados e refletidos pelo Bispo de Hipona estenderam raízes no Período Medieval e para além deste. Na verdade, “a influência de Agostinho, sobre o surgimento e a consolidação da tradição teológica Medieval foi imensa.” (MCGRATH, 2007, p. 32). Todavia, esse fato não implica em uma continuidade plena dos temas abordados no período posterior ao vivido pelo filósofo em questão. O ponto aqui é, o conteúdo e a forma dos temas levantados por Santo Agostinho foram, no Período Medieval, assimilados e alterados a partir da abordagem Medieval, tratando de forma filosófica os temas teológicos de Agostinho, com uma forma catequética própria do período e não de forma teológica e filosófica singular do autor em seu tempo. Em outras palavras, no Período Medieval, principalmente na Baixa Idade Média com o Escolasticismo, utilizando a filosofia aristotélica de Tomás de Aquino (1225 – 1274) moldou a forma como a teologia Medieval enxergou as questões elaboradas pela Patrística e, conseqüentemente, por Santo Agostinho.

Mas afinal, qual é o tema que Santo Agostinho tratou em sua filosofia que o coloca no Período Antigo e que o diferencia do período posterior? Em princípio, é fundamental entendermos que dentro da História da Filosofia vários são os temas e as formas como eles foram analisados e refletidos ao longo do tempo. Contudo, alguns temas são caros à História das Ideias. Por exemplo, a sabedoria, a morte, a vida, o poder, a beleza, a bondade, a verdade, etc., esse é o caso da felicidade. A felicidade, se não o mais importante tema, está entre os principais abordados em toda a História da Filosofia. Desde Tales de Mileto, passando por Platão e Aristóteles a Felicidade é um tema caro à Filosofia. Pois esta é a finalidade para a qual todos os homens caminham, como disse Aristóteles (ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, Livro I, 1, 7). Esse tema, também aparece no período Helenístico. Via de regra, todas as principais escolas Helênicas trataram sobre a Felicidade. Os Estoicos com sua Apatia (DIÔGENES LAËRTIOS, *Vidas e Doutrinas Dos Filósofos Ilustres*, Livro VII, 117, p.208), os Epicureus com sua Ataraxia, todos buscavam a vida segundo a natureza (Ibid., Livro VII, 87, p.201), que corresponde à Felicidade. Seguindo, portanto, essa mesma busca, Santo Agostinho apresentará em seu contexto histórico sua concepção da Felicidade.

E, o que era a Felicidade para Santo Agostinho? Bem, antes de qualquer coisa é imprescindível entender que para nosso filósofo, depois de sua conversão, toda sua vida

e reflexão tendiam a um mesmo propósito, ou seja, a *Beatitude*, que corresponde à sabedoria, à paz, à satisfação e à Felicidade. Na verdade, toda a filosofia de Agostinho e até mesmo o próprio agostinianismo posterior a ele, entendeu que a *Beatitude*, a Felicidade é o tema central de seu exercício filosófico. Nas palavras de Étienne Gilson: “O que ele procura é um bem cuja posse satisfaz todo desejo e, por consequência, confere a paz.” (GILSON, 2010, p. 17). Esse bem que Santo Agostinho procurava não poderia de forma alguma ser encontrado no mundo natural, como afirmavam os filósofos helênicos. Ele só poderia ser encontrado em uma esfera superior. Esse bem é Deus (Ibid., 2010, p. 31). Por isso, dirá Santo Agostinho a sua mais célebre frase e que resume toda sua construção filosófica, ao expressar: “..., porque nos criastes para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós.” (SANTO AGOSTINHO, *Confissões*, Livro I, 1. 1). Essa frase icônica dirá que a Felicidade origina-se, é, e está em Deus, pois “a vida feliz consiste em nos alegrarmos em Vós, de Vós e por Vós. Eis a vida feliz, e não há outra.” (SANTO AGOSTINHO, *Confissões*, Livro X, 22, 32). Essa perspectiva irá se desdobrar ao longo de toda a vida de Agostinho bem como dentro de todas as suas obras. Seja de forma direta ou indireta, a Felicidade enquanto retorno a Deus, guiará toda a filosofia do Bispo de Hipona.

Portanto, a Felicidade, que é um tema caro e largamente abordado em toda a História da Filosofia Antiga, é também o tema principal de toda a construção filosófica de Santo Agostinho. Essa forma de enxergar a Felicidade, vai influenciar o período posterior, mas sobre outra forma e enfoque filosófico. O que fica explicado aqui é o fato de Agostinho tratar em sua filosofia de um tema que está presente em todos os autores da Antiguidade. Esse fato, portanto, o coloca nesse período e não em outro.

ALGUMAS SUGESTÕES

A primeira sugestão seria no sentido de ultrapassarmos a barreira que separa a universidade da sala de aula do Ensino Médio. Aquilo que é tratado nos bancos das universidades, deve, dentro do possível e de forma pedagógica, ser trabalhado nas salas de aula do Ensino Médio. Não pode haver separação. É no estágio que essa separação tem que ser superada, pois o estágio deve ser o eixo articulador da graduação para a prática do ensino (GHEDIN, ALMEIDA, LEITE, 2008, p. 64). Os professores que orientam os Estágios Supervisionados devem estar mais atentos aos materiais que estão sendo utilizados em suas salas de aula e os que estão sendo utilizados no Ensino Médio



e, até mesmo propor, dentro dos estágios, a avaliação de alguns materiais, com a finalidade de identificar essas possíveis discrepâncias entre universidade e escola. E, identificada a discrepância, propor estratégias pedagógicas para superar essas dificuldades em sala de aula. Outra forma de ajuda seria entrar em contato com editoras e autores para que esses equívocos nos materiais didáticos sejam corrigidos para benefício dos próprios estudantes.

Em segundo lugar, gostaria de sugerir a abordagem da História da Filosofia à luz das questões que foram levantadas nos períodos específicos, para ser tratado em sala de aula. Por exemplo, quando tratamos da origem da filosofia, a questão que salta aos nossos olhos é: “qual é a origem de todas as coisas?”, “como tudo começou?” ou “qual é o princípio que constitui todas as coisas?” Essas foram as questões fundamentais que deram origem ao pensamento filosófico. A partir delas, seja uma abordagem temática ou cronológica, o professor poderá, dentro de sua aula, colocar os pensadores em seus respectivos períodos de tempo, sem cometer equívocos históricos ou filosóficos. Dessa mesma forma, quando nos perguntamos quais eram as questões levantadas pelos filósofos no fim do Período Antigo? A resposta é única: “Como posso ser feliz?” Com as sucessivas quedas do ideal grego de cidadão, com a ascensão e queda de Roma, a pergunta levantada pelos últimos pensadores do final da Antiguidade foram na mesma direção, ou seja, como alcançar a felicidade? Todas as escolas helênicas de filosofia tinham em vista a busca da felicidade como fim para o homem. Contudo, com uma peculiaridade única na abordagem desse tema. Para os Helênicos a felicidade não era um ideal intelectual a ser alcançado racionalmente. Ela passou a ser material. Eles expressavam-se da seguinte forma: viver segundo a natureza. Essa mesma questão também aparece no horizonte da cristandade nascente. Os primeiros filósofos cristãos também se debruçaram nas mesmas questões e temas. Portanto, quando abordamos na sala de aula a História da Filosofia pela via das questões e temas levantados e tratados em seus períodos respectivos, nos livramos dos equívocos temáticos e cronológicos dando assim, um senso de continuidade entre universidade e escola.

CONCLUSÃO

Em certa medida esse equívoco quanto ao lugar que Santo Agostinho ocupa na história do pensamento tem origem em duas posturas. A primeira é a distância entre o que a universidade produz e o que os alunos do Ensino Médio estudam. Na verdade, é

o velho problema entre conhecimento e prática, entre o conteúdo do que está sendo abordado na academia e sua relevância para a comunidade em geral. A universidade perdeu sua ligação com as pessoas. Sua linguagem é distante, seu conteúdo é inacessível ao homem comum e sua abordagem pedagógica não ensina. A grade das disciplinas da graduação deveria ser balizada por aquilo que os estágios supervisionados analisaram em suas intervenções nas salas de aula. Essa atitude daria um sentido de continuidade do conhecimento. O aluno que saísse da sala de aula do Ensino Médio encontraria na universidade um aprofundamento daquilo que ele viu introdutoriamente em sua escola. Isso mostraria para o aluno que o conhecimento é algo acumulado e contínuo, é algo passado de geração para geração, cabendo a ele agora, continuar expandindo-o.

A segunda postura que leva ao erro de colocar Santo Agostinho como um autor Medieval é o descaso. Pois mesmo que os livros didáticos utilizados pelas escolas cometam esse erro cronológico, estilístico e temático, o professor que saiu da universidade e que possivelmente tenha aprendido essa informação na sala de aula de sua graduação, poderia corrigir o equívoco. Todavia não é o que se vê. Via de regra, os alunos e os professores não leem o próprio livro didático. Nesse sentido repete-se o mesmo erro, sempre, sem levar o aluno ao conhecimento adequado e coerente com a própria História das Ideias.

Filosofia trabalha suas reflexões de forma precisa, exaustiva e coerente com a realidade. Colocar um determinado pensador em um período de tempo distinto do seu, sem uma contextualização adequada, contribui para, justamente, o oposto da reflexão filosófica. Perde-se a perplexidade do pensador em seu tempo, a partir da questão suscitada ou refletida naquele contexto histórico. Além disso, as respostas ou novas questões ficam vazias. Se pensarmos em Santo Agostinho, qual seria a reflexão que Agostinho levantou no Período Medieval? Ele tratou da relação entre a metafísica aristotélica e a fé cristã? A forma como ele abordou a fé remontou as categorias aristotélicas a partir das quatro causas dos seres? Qual postura Agostinho tomou em relação à querela dos universais? Ou ainda, o estilo de escrita de Santo Agostinho reflete o mesmo estilo e propósito dos autores Medievais? A finalidade das reflexões agostinianas é a mesma que os autores medievais propuseram? Para todas essas perguntas a resposta é não. O Bispo de Hipona não fez essas perguntas, pois elas não fizeram parte de seu tempo.

Todavia, a quem possa objetar e argumentar dizendo que ele foi uma grande influência para o período ou ainda que pelo fato dele ser cristão, então, a possibilidade



de unificar todos os pensadores cristãos dentro do mesmo período é correta. A essas objeções pode-se responder com certa facilidade da seguinte forma. Primeiro, é verdade que ele foi uma grande influência para o Período Medieval chegando até mesmo ao nosso tempo. Mas isso não é o mesmo que estar dentro do mesmo período históricos. De Boécio a Tomás de Aquino, todos os grandes nomes da Filosofia Medieval viam em Agostinho um modelo de cristão e filósofo. Contudo, as reflexões desses homens seguiram as problemáticas, estilo e temas de seu tempo. Santo Agostinho foi o fundamento teológico e filosófico, mas não estava com eles. Em segundo lugar, é verdade que, pelo fato deles serem cristãos, de modo geral, fica “mais fácil” colocá-lo no mesmo período. Entretanto, ao fazer isso perde-se de vista tanto as questões teológicas e filosóficas que ambos tiveram que lidar em seus respectivos períodos de tempo. Por exemplo, Santo Agostinho organizou filosoficamente a fé cristã que ele e seus contemporâneos tinham a fim de justificar a plausibilidade da nova fé diante da mentalidade Grego-romana. Tomás de Aquino por sua vez, apenas partiu dessa base deixada por Agostinho e adaptou a fé cristã ao sistema aristotélico de filosofia. Diante disso não há como justificar a afirmação de que Santo Agostinho é um pensador Medieval.

Finalmente podemos responder à pergunta: por que Santo Agostinho não é medieval? A resposta: porque ele não faz parte cronologicamente desse período (Razão Histórica), porque seu estilo de escrita é diferente daquele utilizado no Medievo (Razão Estilística) e, por último, porque a finalidade para onde apontava sua reflexão filosófica é distinta da proposta pelo Período Medieval (Razão Temática).

REFERÊNCIAS

ABRÃO, Bernadette Siqueira (Org.). *História da Filosofia*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2004. (Coleção os Pensadores).

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução de J. Oliveira Santos, S.J., e A. Ambrósio de Pina, S.J. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).

ALMEIDA, Martim Vasques da Cunha de Eça e. CARVALHO, Rogério Gonçalves de. *Escolher Com Sabedoria: Ensino Médio: Livro Didático e Caderno de Atividades do Professor, Livro 2* – São Paulo: Editora Mackenzie, 2018.

AQUINO, Tomás. *Suma Teológica, Volume 1, Parte I – Questões 1 a 43*. Vários Tradutores. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: Introdução à Filosofia*. 4ª ed. São Paulo: Moderna, 2009.

ARISTÓTELES. *Arte Poética, Organon e Ética a Nicômaco*. Vários Tradutores. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Pensadores).

BROWN, Peter. *Santo Agostinho Uma Biografia*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Record, 2011.

CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo Através Dos Séculos*. Tradução de Israel Belo de Azevedo. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

CLARK, Gordon Haddon. *De Tales a Dewey*. Tradução de Wadislau Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

COTRIM, Gilberto. FERNANDES, Mirna. *Fundamentos de Filosofia*. 1ª ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

DIÓGENES LAËRTIOS. *Vidas e Doutrinas Dos Filósofos Ilustres*. Tradução de Mário da Gama. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

GHEDIN, Evandro. ALMEIDA, Maria Isabel de. LEITE, Yoshie Ussami Ferrari. *Formação de Professores: Caminhos e Descaminhos da Prática*. Brasília: Líber Livro Editora, 2008.

GILSON, Étienne. *Introdução ao Estudo de Santo Agostinho*. Tradução de Cristiane Negreiros Abbud – 2ª ed. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2010.

JAEGER, Werner. *Cristianismo Primitivo e Paideia Grega*. Tradução de Teresa Louro Pérez. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2001.

MARÍAS, Julían. *História da Filosofia*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MCGRATH, Alister. *Origens Intelectuais da Reforma*. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

PERINI-SANTOS, Ernesto. *Por Que Agostinho Não é um Filósofo Medieval (E Por Que é Importante Compreender Isso)*. Revista Kriterion 56 (131) • Jan-Jun 2015, p. 213-237 • <https://doi.org/10.1590/0100-512X2015n13112eps>.

REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média*. Tradução de José Bertolini. São Paulo: Paulus, 1990 (Coleção Filosofia).

VERNANT, Jean-Pierre. *As Origens do Pensamento Grego*. 19ª ed. Tradução de Ísis Borges B. da Fonseca. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

Submetido em: 08/02/2024

Aceito em: 26/08/2024